

O ESP
4/2/96 D3
15

TEATRO AMAZONAS

Amazonino Mendes está em fase ecológica

O governador do Amazonas afirma que sua meta é explorar a natureza sem destruí-la

Uma França inteira, quase dois Estados de São Paulo ou dois Pararáns. Essa é a área que representa as regiões indígenas e de proteção ambiental no Amazonas, abrangendo quase 30% do território do Estado. A responsabilidade pela gestão do que é considerado patrimônio da humanidade é do governador Amazonino Mendes (PPB), 56 anos.

Amazonino vive fase de juras de amor eterno pela ecologia. "Nessa idade, você não sabe o que é ficar perdido numa canoa, no meio de um igarapé amazônico: é maravilhoso", suspira ele. Mas os ecologistas ainda não acreditam na sua conversão tardia e, em jornais da região, apontam um plano do governador para construir um pólo madeireiro no Amazonas. Ele nega qualquer intenção nesse sentido. O governador concedeu entrevista ao *Caderno 2* por telefone, do seu gabinete em Manaus.

★ **Caderno 2 — O Teatro Amazonas vai ser a base de uma nova orientação cultural no Amazonas?**

Amazonino Mendes — Olha, hoje não há um movimento cultural no Amazonas, é praticamente inexistente. Temos feito o possível, mas tudo está por ser feito. É preciso começar do zero e o Teatro Amazonas pode ser uma porta para uma nova mentalidade.

Caderno 2 — Qual é a vocação da Amazônia: voltar-se para a floresta ou buscar a industrialização?

Amazonino — Eu acredito que a Amazônia deva entrar finalmente

no que chamo de terceiro ciclo. O primeiro foi a fase do extrativismo, que teve seu auge com a borracha. Esse ciclo morreu em meados dos anos 60, pelo aviltamento dos preços dos produtos. Em 1967, funcionando a princípio como um empório comercial, surgiu a Zona Franca, que continua pujante e é até hoje responsável pelo desenvolvimento da região — faturou US\$ 12 bilhões no ano passado. Mas eu penso que esse ciclo também passou, não atende mais as necessidades da região. A automação das fábricas está despedindo gente. Em 1990, a Zona Franca faturou US\$ 7 bilhões e tinha 95 mil pessoas empregadas. Em 1995, faturou US\$ 12 bilhões e tem apenas 40 mil empregados. Aí é que você vê o impacto social disso. A população cresceu, mas o emprego não.

Caderno 2 — É um problema exclusivo de Manaus ou atinge outros municípios?

Amazonino — Eu costumo dizer que Manaus é uma capital de si mesma, já que detém 98% da economia do Estado e 50% da população. Os outros 61 municípios são inócuos, inexistentes do ponto de vista econômico. As populações do interior migram então para Manaus, porque sempre ganharam a vida com o extrativismo. Fazem um tipo de arribação para Manaus — já que é um êxodo alimentar — e começam então os problemas de submoradias na periferia e aumenta a população de desempregados. O problema maior é o da distribuição de renda. É preciso identificar as potencialidades econômicas da região e é aí que esbarramos num terceiro problema, o ecológico.

★ **Caderno 2 — Então a ecologia é um problema?**

Amazonino — O Brasil não aprecia o seu plano, então estou fazendo o meu. Uso os velhos ma-



Protásio Nêne/AE — 22/7/92

Amazonino Mendes: ecologistas ainda não acreditam em sua conversão tardia à causa ecológica

Amazonino — É algo que tem de ser tratado com a sutileza e os cuidados que merece. Acho que a maior riqueza que temos aqui é a natureza. Estive no BID este mês e disse isso lá, falei com clareza para eles que no meu governo a prioridade é a ecologia, minha meta é aproveitar economicamente e sem riscos o potencial econômico da região. Falaram então que eu estava querendo criar um pólo madeireiro, o que não é verdade. Penso em ampliar a piscicultura, a produção de grãos em várzeas — os rios aqui sobem até 14 metros de nível, o que possibilita muita coisa nessa área —, além de incrementar as "estradas" fluviais e as culturas de ciclo curto.

Caderno 2 — O Brasil não tem um plano global de aproveitamento da região amazônica?

Amazonino — O Brasil não aprecia o seu plano, então estou fazendo o meu. Uso os velhos ma-

pas do Projeto Radam para inventariar as reservas de mogno, as reservas minerais. O povo está sendo tomado por essa idéia, que se baseia no princípio do desenvolvimento auto-sustentado.

Caderno 2 — O senhor comunga das idéias do ex-governador Gilberto Mestrinho?

Amazonino — Minhas idéias divergem totalmente das dele. Acho que a coisa mais importante do mundo hoje é a ecologia e nós vamos ser premiados como homens que preservaram o futuro. Eu tenho uma posição moderna, que é a de conciliar a preservação com a resolução dos problemas da fome e do de-

semprego. Acho que o mais importante no momento é investir na formação cultural do povo amazense, colocar nos currículos escolares a disciplina de ecologia. Pretendo até chamar o

(José) Lutzenberger para dar palestras aqui. Comungo de muitas das suas idéias.

Caderno 2 — O senhor é contra o Sivam?

Amazonino — Não sou contra porque não conheço os meandros disso, os governadores não participaram dessa discussão. Mas não quero me deixar levar por detalhes não-oficiais para condenar o projeto, porque esses detalhes não-oficiais têm tumultuado as

discussões. Nós precisamos de recursos tecnológicos para controlar essa área. Só a reserva ecológica de Manirauá, que foi criada, aliás, na minha gestão como governador, tem 100 mil quilômetros quadrados. Não se pode defender isso com polícia. Há o problema dos garimpos, que eu considero o maior dos crimes, um crime que deveria ser classificado como hediondo. Eu tenho um projeto, que é o de transformar os habitantes das regiões ribeirinhas em agentes oficiais da preservação.

Caderno 2 — Teriam poder de polícia? Mas isso seria legal?

Amazonino — Basta o Estado dar a eles a condição legal. É uma idéia, vou batalhar por ela. É preciso fazer alguma coisa, porque na minha opinião nada foi feito. As áreas protegidas são teoricamente protegidas.

Caderno 2 — O senhor também acha que os índios têm terra demais?

Amazonino — Não é tão simples. Acho que as demarcações de terras indígenas têm sido generosas, até como uma reação contra a má vontade que existia antes. É uma questão séria essa de manter o índio na sua cultura e no seu hábitat. A abertura que isso propicia hoje tem como decorrência o fato de que ninguém mais vai duvidar da legitimidade e da necessidade do índio ter acesso à terra. Eu acho que as demarcações, na sua maioria, têm sido feitas de maneira correta, mas acho que a Nação deveria ter pelo menos conhecimento dos potenciais da região a ser demarcada. Não para definir a posse, mas para permitir o conhecimento. O conhecimento é a base de tudo. Não se pode condenar o índio, por mais primitiva que seja sua cultura, a manter sempre processos medievais de utilização da terra. É preciso tornar viável a exploração sem dano. (Jotabê Medeiros)

PARA ELE, O MAIOR DOS CRIMES É O GARIMPO, QUE DEVERIA SER CLASSIFICADO DE HEDIONDO